

23 SET.

01 OUT.

UMA MESMA ORIGEM
UM SÓ VENTRE
A NOSSA HUMANIDADE, MULHER

É- AQUI- IN- ÓCIO

13º FESTIVAL INTERNACIONAL
DE TEATRO

PÓVOA DE VARZIM

2022

APOIOS
INSTITUCIONAIS



GOVERNO DE
PORTUGAL
dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES



Viver a
cultura!
Cultura no plane



MUNICÍPIO DE
PÓVOA DE VARZIM
BEIRIZ & ARGIVAÍ

APOIO TÉCNICO
E LOGÍSTICO



Bilhetes
Cine-Teatro Garrett
www.bol.pt
FNAC
Worten
OTT

Info
www.varazimteatro.org
varazim@gmail.com
T: 916439009 /
912420129

ORGANIZAÇÃO



É-Aqui-in-Ócio

13º Festival Internacional de Teatro

Póvoa de Varzim

de 23 de Setembro a 1 de Outubro de 2022

O É-Aqui-In-Ócio teve a sua edição experimental em 2007. Desde o seu surgimento que a ideia de equilíbrio está intrínseca à filosofia deste Festival, apresentando na diversidade da sua programação, propostas artísticas que oferecem ao público a possibilidade de novas escolhas, novas descobertas e também criar novas referências e identificações.

Ao regressar em 2021, o festival, sem descuidar o rigor na seleção de espetáculos de qualidade reconhecida, diversos nas suas linguagens e estéticas, adotou como elemento forte de unidade programática e aglutinador para todo o evento, uma temática disruptiva para a hebetude generalizada da sociedade. Diversificou a tipologia dos seus conteúdos e as suas atividades paralelas ao criar, uma dinâmica de mesas de reflexão e incorporar diversas sobre o tema da edição. Alargou as práticas inclusivas ao disponibilizar espetáculos com audiodescrição para pessoas cegas ou de baixa visão, e fruto da parceria com a ACAPO do Porto, folhas de sala em braile, assim como, desta vez graças à parceria com a Associação de Surdos do Porto, espetáculos com tradução para Língua Gestual Portuguesa para pessoas surdas ou com elevado défice de capacidade auditiva. Também aprofundou as suas boas práticas em relação à sustentabilidade.

Neste ano de 2022 aquela que será a 13ª Edição do É-Aqui-in-Ócio constrói-se sob o lema, “Um só Ventre Uma mesma Origem A nossa Humanidade, Mulher”.

Uma edição, com o mesmo gene da anterior e onde a temática será, a Mulher e a sua condição na sociedade.

Aportando esta edição, conseqüentemente, na reflexão sobre as questões atómicamente ligadas à temática da equidade dos gêneros e no inevitável reconhecimento da importância do pilar Mulher na construção de toda a nossa Humanidade.

A 13ª Edição do É-Aqui-in-Ócio - Festival Internacional de Teatro lança assim uma pequena semente, na intenção de contributo, para o cultivo de um futuro verdadeiramente humanista e humanizado.

A Direção da Varzim Teatro

Sexta e Sábado, 23 e 24 de Setembro | 21h30

Domingo, 25 de Setembro | 17h* Sessão com Audiodescrição

Cine-Teatro Garrett

Veias de Sal numa Terra com Lágrimas de Mar [Estreia]

Companhia Certa [Póvoa de Varzim - PT]

> 12 anos | 60min



Sinopse:

No ano em que a Varazim Teatro completa 25 anos de existência, a sua Companhia Certa estreia o espetáculo "Veias de Sal numa Terra com Lágrimas de Mar", a sua 12ª produção. Um espetáculo que visa celebrar e dar relevo à relação com o território onde ao longo dos seus 25 anos a Varazim Teatro tem vindo a desenvolver a sua actividade. Um espetáculo para as gentes da Póvoa e para todas as gentes do mar. Um espetáculo para quem gosta de sentir e recordar, mas também para quem gosta de fantasia e sonho.

"Veias de Sal numa Terra com Lágrimas de Mar", não será uma recriação etnográfica.

A proposta é a de que seja uma criação antropofagicamente evocativa da identidade poveira e da sua história, identificando e recolhendo no próprio território a matéria para a criação artística, porque deve ser também papel da Arte firmar ancoradouros, como pedras que resistem ao tempo, da identidade dos territórios..

Partindo de uma pesquisa, e aprofundamento do conhecimento, sobre a identidade desta comunidade que tem com o mar uma relação de simbiose, pretende-se desenvolver todo um processo de aquisição, para depois macerar toda essa absorção e fazer nascer algo de novo, mantendo a mesma identidade. Começámos por identificar os elementos distintivos do ser poveiro, e também as suas características universais, para os transformar em Arte, com uma linguagem contemporânea, e depois os devolvermos à comunidade em forma de oferta. Como espelho do essencial que há em si e nos seus, e que integra também elementos comuns da portugalidade e da sua relação costeira com o mundo.

Recorrendo a uma linguagem artística assente na comunicação visual, reduzindo o recurso à narrativa oral, cria-se uma imagética de onde nascerá a dialética entre o objecto artístico contemporâneo e a memória coletiva das gentes do mar.

Percorrendo alguns momentos marcantes da história da Póvoa de Varzim, evocando algumas características do seu quotidiano e sem a necessidade de uma sequência cronologicamente linear, pretende-se proporcionar uma viagem, sensorial e emotiva, pelas memórias coletivas do ser poveiro e do ser poveira. Dando relevo à importância do pilar Mulher, “Veias de Sal numa Terra com Lágrimas de Mar”, é um mergulho poético na alma e no corpo da cidade. Colocando o foco na Poveira - pescadeira, tricana, matriarca, mulher, em cada um desses momentos e, na construção desta singular identidade colectiva, pretende-se aportar um diferente olhar para cada uma dessas memórias.

Ficha Técnica:

Encenação: Eduardo Faria

Direção de Movimento: Pedro Carvalho

Pesquisa e Dramaturgia: Joana Soares

Interpretação: Alexandra Moreira, Ana Lúcia Pereira, Leonor Godinho, Miguel de Riba, Miguel Magalhães

Composição: Rafael Maia

Desenho de Luz: Eduardo Faria e José Raposo

Direção de Produção: Joana de Sousa

Sobre a Companhia Certa:

A Companhia Certa é um braço da Varazim Teatro, Associação Cultural com trabalho em torno da cultura teatral desde 1997, sediada na Póvoa de Varzim. A Varazim Teatro é a entidade responsável pela programação da Temporada Teatral na Póvoa de Varzim desde 1998 (com apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim) e pelo É-Aqui-in-Ócio – Festival Internacional de Teatro que acontece, desde 2007, pelo início do Outono na mesma cidade.

Nascida em 1997 a partir de trabalho Associativo, a Associação foi crescendo e realizou em 2006 o seu primeiro espetáculo de carácter profissional. Desde essa data tem desenvolvido atividade profissional continuada.

Sendo uma Associação com múltiplos eixos de atuação, deu-se a necessidade de criar, no seio da Varazim Teatro, uma nova marca Cultural: A Companhia Certa.

Todo o percurso que culmina com a criação da Companhia Certa levou à sedimentação de uma identidade própria, reconhecida pelo público local e pelos seus pares. Esta identidade assenta na criação de espetáculos de recursos técnicos minimalistas com temáticas de grande intervenção social e pesquisa de novas formas de relação do espetáculo com o público.

Assim e desde Abril de 2018 a Varazim Teatro também é a Companhia Certa.

Segunda, 26 de Setembro | 19h

Biblioteca Municipal Rocha Peixoto

DA VOZ HUMANA Leituras encenadas

Escola de Mulheres [Lisboa - PT]

> 14 anos | 45m



Sinopse

Em 2022, o DA VOZ HUMANA celebra o seu 10o ciclo de apresentações. Em jeito de celebração deste 10o aniversário realizaremos um best off que consistirá numa revisitação a alguns dos autores e autoras que, desde 2012, fizeram parte deste ciclo. O objetivo não é revisitar os textos anteriormente trabalhados, mas sim trazer novos textos destes autores e autoras, cuja atividade se mantém viva, partilhando com o público a obra criada posteriormente à sua participação no ciclo.

Com um conceito bastante informal, experimental e espaço para conversas no decurso e no final de cada uma das sessões, entre autores, intérpretes e público, este ciclo tem revelado textos, na sua maioria inéditos, de autores contemporâneos, oriundos da literatura, da poesia e do teatro.

Com a coordenação artística de Marta Lapa e a colaboração dos autores e dos artistas intérpretes, procuramos olhar, dizer, cantar, ouvir as palavras de quem as escreveu.

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Coordenação artística Marta Lapa

Direção de produção e comunicação Ruy Malheiro

Sobre a Escola de Mulheres

A ESCOLA de MULHERES -OFICINA DE TEATRO, cujo nome foi beber inspiração à peça de Molière “L’écôle des femmes”, foi criada em 1995 em Lisboa por Fernanda Lapa, Cucha Carvalheiro, Isabel Medina, Marta Lapa, Cristina Carvalhal, Aida Soutullo e Conceição Cabrita.

Um conjunto de mulheres de gerações diferentes e experiências diversas e reconhecidas mas com o sentimento comum do papel de subalternidade a que a mulher foi sendo reduzida no Teatro português, quer na condução dos processos criativos, na política de repertórios ou no relacionamento com os poderes instituídos, bem como, de um modo geral, nas tarefas que envolvam poder de decisão.

Pretendeu-se, desde sempre, privilegiar a criação e o trabalho feminino no Teatro e promover e divulgar uma nova dramaturgia de temática e escrita femininas, quer nacional, quer estrangeira, na medida em que o repertório habitualmente representado nos nossos palcos não refletia o papel que nas últimas décadas a Mulher tem vindo a desempenhar, assim como as novas contradições que daí advêm, vinculando quase sempre pontos de vista masculinos sobre as mulheres e reproduzindo universos tipicamente masculinos.

A 8 de Março de 1995 a ESCOLA de MULHERES apresentou publicamente o seu manifesto por ocasião de um espetáculo a partir de textos de autoras portuguesas e que decorreu na Sociedade Portuguesa de Autores.

FERNANDA LAPA (1943-2020) diretora artística da companhia ao lado de MARTA LAPA, até à sua morte, foi um elemento basilar, desde a fundação da companhia, na idealização, concretização e afirmação de uma linha artística de qualidade, assente no Manifesto da Escola de Mulheres (1995) que visou sempre enaltecer o trabalho das mulheres nas artes, em geral e no teatro em particular (autoras; encenadoras; atrizes; dramaturgas; tradutoras; técnicas; produtoras; etc), para além de ter sempre feito refletir nas suas produções problemáticas transversais a toda a sociedade como as questões de género, da desigualdade social, entre outras.

Seria expectável que passados 26 anos, todas essas questões levantadas pelo grupo de mulheres que fundou a Escola de Mulheres, estivessem menos presentes no panorama das artes e da sociedade em Portugal, por já não serem necessárias, contudo elas mantêm-se e são ainda mote de continuidade e afirmação.

A direção artística da Escola de Mulheres, desde setembro de 2020 é assumida por MARTA LAPA e RUY MALHEIRO.

Segunda, 26 de Setembro | 21h00

Sala dos Atos - Cine-Teatro Garrett

Exibição Documentário Espaço d’Mente

Realização Ana Santos [ESMAD-IPP]

Segunda, 26 de Setembro | 22h00

Café Concerto - Cine-Teatro Garrett

Concerto Mu Mbana

+ Aniversário Varazim Teatro 25 anos

Mu Mbana [Guiné Bissau]

> 6 anos | 60min



Mû Mbana é compositor e intérprete de vários instrumentos de cordas com os quais distribui tons e aromas africanos por todo o mundo. Nascido na ilha de Bolama, na Guiné-Bissau, cresceu influenciado pelos cantos religiosos das mulheres das etnias Brame (Mancanha) e Bijagós (Bidjugu).

Multi-instrumentista, compositor e poeta, a maturidade da sua música e os instrumentos que a acompanham são como um reflexo material da sua alma de músico e artista. Seu vasto e eclético currículo inclui 10 álbuns já lançados e muitos palcos na Europa, África e América. Colaborou com muitos músicos e projetos como Selva de Mar, La Locomotora Negra, o grande Manu Dibango, Simão Felix, Rosa Zaragoza, Lula Pena, Jurandir Santana e Fabiana Cozza. Atualmente, entre Bissau e Barcelona, alterna seu trabalho solo com projetos paralelos como Nua Trío, junto com o contrabaixista Javier Colina e Jesús Mañeru, Mû & Sasha com o violoncelista israelense Sasha Agranov, “Mornas Ku Nghuni Nghundúras” em homenagem aos autores guineenses e à big band Colectivo BDB.

A música de Mû não pode ser explicada em palavras. Dizer que gravou discos de fusion, jazz, música tradicional, eletrônica ou de palavras faladas diz pouco sobre sua música. A vida de Mû tem sido uma teia interminável de encruzilhadas culturais, mas sua música mostra um centro claro. Uma voz, uma brisa, uma essência. Uma alma sozinha diante do universo que por sua vez é outro universo. Um universo com seu próprio tempo, um tempo que o ouvinte deve respeitar se quiser encontrar algo realmente novo e vital que dure. A

música de Mû é feita de momentos e alinhamentos de momentos. Feito de planícies modais e construções harmônicas montanhosas. De magnanimidade e vindicação. De sussurros trêmulos e gritos de guerreiro. De intimidade, extroversão, timidez, dança, melancolia e celebração. A música de Mû não é explicada. Se escuta. Se observa. Ele vive.

in [Mû Mbana | Casa África \(casafrica.es\)](http://Casa África (casafrica.es))

Terça 27 de Setembro | 21h30

Cine-Teatro Garrett

Mater * **Sessão com Língua Gestual Portuguesa**

Teatro Livre [Lisboa-PT]

> 14 anos | 1h20m



SINOPSE

"A história de uma Mãe (Luísa Ortigoso) e de uma Filha (Carla Chambel). A Filha que não consegue ser Mãe porque ainda precisa de ser Filha. A Mãe, que para chegar à filha, revela a mulher que sempre foi. A herança do feminino transmitida para além do útero. Um jogo de poder, controlo e descontrolo que leva a um caminho pelas várias e diferentes formas de amar, para além do Amor".

"Mater fala de um encontro entre mãe e filha - Rute e Luísa - unidas por um vínculo condenado ao desencontro. Uma não espera nada da outra a não ser os embates de sempre e recriminações

magoadas. Em meio à guerra particular, instantes de trégua e delicadeza. Por instantes, o entendimento entre elas parece viável, mas a paz se dissipa rapidamente diante das contas a acertar. São queixas recíprocas, palavras mal ditas e digeridas, um passivo de rancor e dissabor cada vez mais pesado de carregar. Farta do confronto, Rute tenta se aproximar da filha abrindo sua alma, porém os segredos de Rute não encontrando acolhida, só servem para distanciá-las. O ressentimento de Luísa se tinge de inveja ao saber do passado dessa mulher tão bonita e bem-amada. Como ousa a mãe ter tudo e ela não ter nada? A hora da verdade se faz necessária: mãe e filha em carne viva se encaram exaustas, incapazes de se compreenderem, mas ansiando por um abraço."

Maria Adelaide Amaral

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

"Mater", de Maria Adelaide Amaral

Encenação: Beto Coville

Interpretação: Carla Chambel (Luísa) e Luísa Ortigoso (Rute)

Música Original: João Balão

Espaço Cénico: Eurico Lopes

Figurinos: Luísa Martins (My Lisbon)

Desenho de Luz: Pedro Santos

Assist. Encenação: Inês Oneto

Foto: Xana Cepinha

Produção: Teatro Livre

Sobre o Teatro Livre

A Associação Cultural sem fins lucrativos Teatro Livre foi fundada na sequência de uma vontade comum de vários profissionais das artes do espectáculo em criar uma companhia de teatro que materializasse o desejo de realização de produções de qualidade, nomeadamente de peças de teatro e leituras dramatizadas vocacionadas para a itinerância e internacionalização, ancoradas no trabalho dos actores.

Assim, a Teatro Livre tem como objectivo que o seu palco seja um reflexo da sociedade actual, que o público se reconheça e reconheça a realidade inerente aos nossos espectáculos. Acreditamos que o teatro não deve ser vazio de sentido e que pode e deve ter um poder educativo, civilizador e criador de consciências.

O Ministério da Cultura reconhece o interesse cultural do Programa de Actividades Teatrais 2009/2010 da Teatro Livre - Associação, para efeitos de Mecenato Cultural.

Quarta 28 de Setembro | 19h30

Junto ao Monumento Evocação da Lota - Homenagem às mulheres do Mar

Mujer Destejida

Con Ciencia y Arte [COLÔMBIA/Biscaia - ESP]

> 6 anos | 30min



sinopse:

A artista fala sobre a obra Mujer Destejida: “Começo este trabalho tecendo, enredando fios com o

dedos até fazemos um tecido onde eu caiba, onde caiba a angústia, onde caibam as outras mulheres, onde cabe o que eu não entendo.

Estou a criar a personagem enquanto teço com muita dor, muita alegria, muita vontade de digerir

palavras que não entendo, que são difíceis de serem ouvidas. Eu começo a digerir palavras que não chego a articular, voltar a mastigar a vida, voltar a mastigar a dor para voltar a mastigar aquele silêncio. Em silêncio porque há dor, ela é silenciada porque não há sistema que nos escute.

Tudo isto tem a ver com um pescoço. A cabeça está separada do corpo, não existe essa conexão, essa sincronia, essa circulação que temos que ter com a cabeça e o corpo.

Nascimento, explorar o que temos na boca, fazer um gesto que estava escondido. aquele conflito

O que esta mulher tem foca-se no pescoço, há muita informação concentrada de onde ela não consegue sair.”

Argemis Mesa pensa que “como artista sou chamada a expressar o que acontece no meu ambiente, na sociedade em que vivo, em que não vivo, em que me invento, em que sonho”.

Ficha Artística:

Perfomance: Argenis Mesa Ruiz

Música: Iruñe Herrero Villa

Argenis Mesa Ruiz (Performer)

Sediada em Bilbao, a artista, performer e especialista colombiana em dança Butoh utiliza a arte para a transformação de vidas e sociedades. Interessada no corpo como o centro de experiências, aderências e traços que precisam ser identificados para serem transformados, ela realiza um trabalho profundo para reconhecer os impactos que nele habitam. Tudo com a intenção de devolver essas sensações ao público de tal forma que movimento, mudança e transformação torna-se necessário em cada uma das pessoas que compartilham o trabalho. A análise da sociedade que habitamos, das camadas que a antropologia nos mostra e das experiências de como mulheres nos impregnam é, para esta artista, uma ferramenta fundamental na construção das personagens em que ela trabalha.

Além disso, consciente do poder transformador da arte, ministra oficinas nas quais utiliza técnicas artísticas para romper com os clichês que nos são prescritos e nos analisar a partir de perspectivas honestas e inovadoras.

Irene Herrero Vila (Música)

A reconhecida música, compositora e musicoterapeuta vem a desenvolver o seu trabalho profissional há vários anos na área do País Basco onde foca o seu olhar no trabalho com a comunidade através da música, focando grande parte de suas intervenções com um grupo de mulheres. Formada em música clássica, o seu interesse pela música como fenómeno social e como ferramenta de comunicação e expressão individual das pessoas, leva-a a formar-se como musicoterapeuta e desenvolve a sua pesquisa e a sua profissão em outros países, entre os quais se destaca o Brasil. A música como expressão dos estados internos da alma e como elemento de criação em que todos os seres humanos, independentemente da sua origem e características pode ser encontrado é um dos guias do seu trabalho e intervenções.

Quarta 28 de Setembro | 21h30

Cine-Teatro Garrett

Libre Coma os Paxaros * Sessão com Legendagem

Teatro do Atlántico [Corunha - ESP]

> 14 anos | 60min



Sinopse

Uma mulher toma a palavra e se proclama possuidora de sua liberdade. Declara, desafiadoramente, não submeter-se às regras da arte no exercício da sua atividade criadora, nem acatar mandatos de seus iguais.

Ele declara o seu amor pela literatura, poesia e língua do seu país; o seu respeito e admiração pelas mulheres escravizadas do seu povo; e expressa a sua dor de solidariedade e a sua pela condição miserável que eles têm que suportar.

Denuncia a pilhagem do património florestal, a tragédia da emigração à qual são obrigados a sobreviver centenas de milhares de compatriotas, eles e as suas famílias, a fama e a miséria. E ele grita contra o silêncio que o cerca.

Mulher.

Filha de mãe solteira. E o pai cura. Escritor. Ele é um poeta. Galego de pensamento livre. Com os pássaros livres.

O nome dela é Maria Rosalía Rita de Castro.

Vídeo

<https://youtu.be/02Gpd4JqzME>

Título: Libre coma os paxaros

Textos Rosalía de Castro

Composição musical Vadim Yukhnevich

Gravação Mauricio Caruso

Espaço cénico e iluminação Antonio F. Simón / Xúlio Lago

Figurinos Susa Porto

Fotografía Tino Viz/Margen

Realização de vídeo e-Me Comunicación

Técnicos de Cena: RTA

Dramaturgia e Direção Xúlio Lago

Atriz: María Barcala

Sobre o Teatro do Atlántico

O Teatro do Atlântico, companhia fundada em 1985 por María Barcala e Xúlio Lago, produziu até agora 35 produções, entre as quais "Casa de Bonecas" de Ibsen, "A noite das Tribades" de Olov Enquist, "Amor de Don Perlimplin com Belisa no Jardim «, de García Lorca, « O Cerco de Leningrado «, de Sanchis Sinisterra, « O Reservatório «, de Conor McPherson, « A Rainha da Beleza de Leenane «, de Martín McDonagh, « Uma Primavera para Aldara, de Teresa Moure ou " Memória de Helena e Maria", de Roberto Salgueiro. As suas produções percorreram quase todas as regiões, com participação em inúmeros festivais de teatro nacionais e internacionais (FIT de Cádiz, FITEI do Porto, Latino-Americano de Córdoba (Argentina), Internacional de Caracas, MIT de Ribadavia, FESTEIXO de Viana do Castelo, Mostra de Cangas, Mostra de Cee, Muestra de Teatro de las Autonomías (Villa de Madrid), ou FIOT de Carballo) sempre apresentando seus espetáculos em galego.

María Barcala, Casilda García, Susana Dans, María Bouzas e Gonzalo M. Uriarte receberam importantes papéis em Interpretação no papel de Protagonista por trabalhos realizados em produções desta Companhia, também premiadas várias vezes nas seções de Direção e Iluminação (Julio Lago), Cenografia (Antonio F. Simón e Carlos Alonso), Ator Secundário (Toño Casais) ou Melhor Espetáculo ("A Noite das Tribos", "O Reservatório", "A Rainha da Beleza de Leenane" ou "Uma Primavera para Aldara").

"O Princípio de Arquimedes" estreou em março de 2015, recebeu em 2016 os Prêmios María Casares de Melhor Performance, Melhor Direção, Melhor Ator Principal, Melhor Ator Coadjuvante em Papel Coadjuvante e Melhor Adaptação. "HELENA: Julgamento de uma lúria", estreou em 7 de outubro no Pazo de la Cultura em Narón.

O Teatro do Atlântico recebeu o Prémio da Crítica Galega em 2016 na secção de Artes Cênicas.

Quinta 29 de Setembro | 19h | 21h | 22h30

Espaço Junqueira 25

Criaturas Domésticas

Lucia Trentini [Uruguai /Espanha]

> 14 anos | 45m



SINOPSE

Uma tragicomédia inspirada em "The Maids" de Jean Genet que percorre as áreas mais obscuras das relações humanas, abordando como eixo os temas da violência, amor romântico e submissão na comédia grotesca com uma sutil crítica da sociedade elitista, coloca em cena três mulheres domésticas na sua situação de escravidão. Através do humor essas mulheres narram-nos como com pequenos acidentes domésticos podem contracenar em ações que se podem tornar em mortes ridículas, expressando assim o desejo de matar as suas amantes que abusam do seu poder contra o que precisam que vivam.

Dividido em três pequenos atos que dão ritmo para a peça em que entramos nos universos domésticos dessas criaturas. CRIATURAS DOMÉSTICAS é o resultado de um processo de pesquisa desenvolvido na cave de um hotel. Uma experiência teatral que busca o contato e o diálogo direto com o espectador que é desenvolvido exclusivamente para um público de poucos espectadores.

Ficha técnica:

Direção e dramaturgia: Lucia Trentini

Interpretação: Gloria Albalade, Begoña Caparrós e Lucia Trentini

LUCIA TRENTINI (DURAZNO, URUGUAI/ 1985)

Mestre em criação teatral pela Universidade Carlos III de Madrid, dirigido por Juan Mayorga. Atriz formada pela Escola de Arte Dramática de Montevideu, formou-se também em Direção, Dramaturgia e Canto Lírico.

Foi bolsista da formação de direção da Fundación Teatro a Mil (Chile), Goethe Institut (Alemanha) e INAE (Uruguai). Participou no Seminário no Festival de Avignon em 2019 e na residência artística "Território em diálogo" na cidade de Bolonha-Itália. Foi bolsista do Lincoln Center em Nova York no laboratório de direção em 2018. Em 2022, recebeu a bolsa Speaking in Art, promovida pela Fundação Carasso.

No campo profissional, estreou uma dezena de espetáculos autorais, sob sua direção, mesclando trabalhos com atores, músicos e videoarte, trabalhos estes estreados em diversos festivais da América Latina e Europa.

Em 2014, recebeu o Prêmio Nacional de Teatro Florencio Sánchez pela sua primeira ópera "Música de fiambrería".

Em Madrid, acompanha *Querido capricho*, estreado no Centro Dramático Nacional, como assistente de direção, estreia a peça RUN sob a direção de José Padilla e faz parte da primeira edição do APUNTO, projeto promovido pelo Teatro Circo Pricee Centro Dramático. Na América Latina, trabalha ativamente com a companhia de teatro uruguaia La Morena, percorrendo o mundo e recebendo prêmios reconhecidos.

Como cantora, fez parte do renomado grupo musical uruguaio La Tabaré e desenvolve carreira como solista, publicando seu primeiro álbum CICATRIZ, mergulha num projeto pessoal de fusão entre música eletrônica e música latino-americana intitulado ELECTROFOLKLORICA.

Dentro de sua linha de trabalho pessoal, Trentini desenvolve uma forte pesquisa sobre a apropriação de espaços alternativos. Da mesma forma, busca a articulação do teatro com outras disciplinas artísticas, explorando ao máximo as suas possibilidades criativas na canção e na performance.

Sexta 30 de Setembro | 21h30

Cine-Teatro Garrett

RETRÓPICA

Mari Paula Dance & Performance [Brasil]

> 14 anos | 50m



Sinopse:

Retrópica é uma performance de dança antropófaga. Devora samba, bossa nova e rompe com o imaginário que defende a cultura como algo hermético.

O Brasil teve que ser redescoberto por um tratado ibérico católico que não carrega nenhum tipo de romance. Foi a nossa América quem pariu a modernidade europeia, sem embargo, empanturraram-nos de catequismo e só nos restou mamar o leite da pedra. O nosso herói é bárbaro e tem plexo de mulher, o nosso herói é a ama de leite, que, no intervalo alimentício da criança de outros, mantém cachorros sugando seu fluido, nosso sangue.

Mergulhados na fissura da nação do tropicalismo, da doença tropical, seguimos sem lenço mas com samba no pé. O *matriarcado de Pindorama* é um achado, ele e a tal da ginga garantem o desrecalque localista e a ressignificação de tudo aquilo que teve que morrer para que nós nascêssemos. Enquanto o neocolonialismo, o fanatismo, a intolerância, a imoralidade e o medo nos atropelam, Retrópica é mulher. É tupi, é cigano, é a dança pélvica do "vox clamantis in deserto", é tabu sem totem. É fome, é tesão, é o puro mel que ainda escorre das veias do Equador.

Ficha Técnica:

Concepção, coreografia e performance: Mari Paula

Orientação coreográfica: Airtton Rodrigues e Ângela Donat

Orientação dramaturgica: Giorgia Conceição, Leonarda Glück e Ricardo Nolasco

Textos: Leonarda Glück e Luis Pablo Beauregard

Iluminação: Trio Desenho de Luz

Direção musical e Trilha sonora: Fernando de Castro

Figurinos: Mari Paula

Fotos: Cayo Vieira

Vídeo: Livea Castro Calvo

Produção e Coordenação: Jorge Schneider e Simone Bönisch - ABABTG

Realização: Funarte - Ministério da Cultura, Brasil

Este espetáculo recebeu o Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna - Ministério da Cultura - Brasil.

Sobre:

Fundada pela sua diretora e coreógrafa Mari Paula (Mariana de Paula Ferreira, Brasil), atua no campo da criação cénica, da formação e da gestão, tendo a dança contemporânea e a performance como base para a elaboração de seus projetos.

Em 2017 Mari Paula recebeu o Prêmio Nacional de Danza - Funarte Klauss Vianna, Brasil pelo seu trabalho 'Retrópica' e desde então suas criações têm sido apresentadas em importantes salas, feiras e festivais de África, Sul América e Europa.

As coproduções internacionais acompanham a empresa desde sua fundação e são características que conferem uma singularidade em sua trajetória. Ao longo dos últimos anos a empresa tem podido trabalhar com diferentes grupos, empresas e artistas, tais como: Casa Selvática (Brasil), La Machina Teatro (Espanha), Alexandra Mabes - Sala de Máquinas (Chile), Flavia Pinheiro - DAS Choreography (Brasil y Países Bajos), Balé Cidade

de Campina Grande (Brasil), Aitana Cordeiro (Espanha), Janet Novás (Espanha), Luz Arcas (Espanha), Reinaldo Ribeiro (Espanha), Rebeca García Celdrán (Espanha), Leonarda Glück (Brasil), entre outras.

Desde 2015, os trabalhos da empresa têm recebido críticas positivas e se caracterizam pela inclusão de textos, elementos cenográficos percebíveis e/ou sintéticos, trilhas sonoras originais e/ou música ao vivo, e a construção de espaços cenográficos através do corpo e da luz. Suas obras abordam temas como amor, antropofagia cultural, gênero, imigração, interculturalidade e meio ambiente.

Sábado 1 de Outubro | 18h30

Cine-Teatro Garrett

Antígona 3 por 3,5 * Sessão com Audiodescrição

Companhia do Chapitô [Lisboa - PT]

> 12 anos | 60min



Sinopse:

"Que raio de sol atravessa Tebas
Esperem pela sombra
O destino final dos descendentes de Édipo
Antígona 3 por três e meio
Quanto sangue cabe num quadrado"

Eis a narrativa: após a morte de Édipo, a regência de Tebas foi dividida entre os seus dois filhos, Etéocles e Polinices, que acordaram alternar o poder por períodos iguais. No final do primeiro período, Polinices vem tomar o seu lugar e é impedido por Etéocles. Junta-se ao rei de Argos iniciando uma guerra com o seu irmão, da qual resulta a morte de ambos.

Creonte, tio dos dois irmãos, sobe ao poder e decreta que Etéocles deverá ser sepultado com todas as honras religiosas, e a Polinices, encarado como traidor, é-lhe negado o direito à sepultura.

Inconformada com esta situação a sua irmã Antígona, contrariando o decreto de Creonte, inicia os rituais fúnebres a Polinices, sendo apanhada pelo mesmo e condenada a ser emparedada viva.

Nesta tragédia de Sófocles, o desenlace é assim mesmo, trágico. Morrem quase todos os intervenientes diretos desta história, com exceção de Creonte, que fica até ao final da sua vida a expiar os seus erros.

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Criação Colectiva da Companhia do Chapitô

Encenação - José C. Garcia e Cláudia Nóvoa

Interpretação - Pedro Diogo, Susana Nunes e Tiago Viegas

Direcção de Produção - Tânia Melo Rodrigues

Figurinos - Glória Mendes

Ambiente Sonoro - A Cadeira d'Avó

Desenho de Luz - José C. Garcia e Bruno Boaro

Cartaz - Sílvio Rosado

Motion Picture – Sofia Serrazina

Sobre a Companhia do Chapitô

A Companhia do Chapitô, criada em 1996, valoriza a comédia pelo seu poder de questionar todos os aspectos da realidade física e social. Cria, desde a sua fundação, espectáculos multidisciplinares assentes no trabalho físico do actor num processo colectivo e em constante desenvolvimento, que convidam à imaginação do público, e que se relacionam estreitamente com este.

Comunica, essencialmente através do gesto e da imagem, quebrando as barreiras linguísticas e afirmando a sua vocação universal, o que lhe permite uma relação muito próxima com os espectadores e que resulta em itinerância nacional e internacional.

Desde a sua formação produziu perto de 40 criações originais, apresentadas em Portugal e um pouco por todo o mundo Alemanha, Argentina, Brasil, Cabo Verde, China, Colômbia, Costa Rica, Eslováquia, Espanha, E.U.A., Finlândia, França, Irão, Itália, Noruega, Rússia, Suécia e Uruguai.

De entre os inúmeros prémios e distinções recebidas, destacam-se três galardões para “Édipo” – Prémio dos Amigos do Festival Don Quijote 2014 em Paris; Prémio de Melhor Espetáculo atribuído pelo público do festival Teatro Agosto 2015 no Fundão; e Prémio de Melhor Obra Estrangeira nos Prémios Florencio 2016 no Uruguai. De Espanha, vieram ainda duas homenagens: uma para “Electra”, premiada em 2016 como a melhor peça na 30ª Feira Internacional de Teatro e Dança de Huesca; e outra para “Macbeth”, peça distinguida com o Prémio do Público da XXXI Edição do Festival MITCF de Cangas.

Sábado 1 de Outubro | 21h30 | 22h | 22h30

Peep Show - Praça do Almada

Eu Fêmea

Teatro do Mar [Sines - PT]

> 16 anos | 20min



Sinopse:

“Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem voz da História.” Michele Perrot
Eu Fêmea reflete sobre a invisibilidade da Mulher na História, e a herança cultural, física e espiritual, que habita hoje o ser feminino. É um solo curto para uma atriz, uma performance assente nas narrativas do corpo, que decorre dentro de uma estrutura circular alusiva a um Peep Show. Com duração de 20m e limitado a 20 espetadores de cada vez, munidos de auriculares e inseridos em cabines individuais, o espetáculo assume um carácter particularmente intimista. A atriz, fechada no interior do cenário circular, não tem qualquer contato físico ou visual com o público.

Ficha Artística:

Conceito, Dramaturgia e Encenação: Julieta Aurora Santos

Interpretação: Patrícia Andrade

Cenografia: Design e Construção, Luís Mendes Santos Construção, Luís Santos, Luís João Mosteias, Sérgio Vieira, Carlos Campos

Figurinos e Adereços: Adriana Freitas

Banda Sonora: Tiago Inuit

Desenho de Luz: Ivo Vieira

Direção de Produção: Frederico Salvador

Gestão e Administração: Sónia Custódio

Fotos de Cena e Teaser: João Roldão

Distribuição Internacional: Jaume Nieto

Depoimentos/Vozes: Ana Simões, Lídia Silvestre, Sílvia Venturinha, Andreia Pacheco de Matos, Dora Carvalhas, Cláudia Carril, Maria Augusta Peres, Cristina Lobo, Tânia de Brito, Berta Cardoso, Rita Baleiro, Xana Lagusi, Helena Oliveira.

Agradecimentos: Martim Simões de Almeida e Ana Santos

Sobre o Teatro do Mar

O Teatro do Mar surgiu em Sines, Portugal, a 8 de Março de 1986, fundado por Julieta Aurora Santos (sua Diretora Artística e Encenadora) e pelo já falecido Ator e Encenador Vladimir Franklin.

Os espetáculos refletem, na sua generalidade, essencialmente sobre temáticas cujo enfoque é o homem contemporâneo e a sua condição existencial face a uma ideia de progresso e a consequente transformação da sua identidade e das suas memórias afetivas e culturais.

Numa constante reflexão e exploração de novos territórios artísticos, a Companhia desenvolve um trabalho de investigação e criação particularmente vocacionados para o espaço público (teatro de rua). Investindo numa criação dramaturgica própria – seja a partir de temáticas e/ou adaptação de obras literárias – e num trabalho multidisciplinar, cruza um teatro essencialmente físico com o circo, a dança, as formas animadas, a música original e as novas tecnologias do vídeo, na busca de um significado comum e global e da afirmação de uma linguagem de carácter universal, passível de ser entendida por qualquer tipo de públicos.

O Teatro do Mar já se apresentou em centenas de Festivais, com audiências de milhares de espectadores, em Portugal e em vários Festivais Internacionais de mais de uma dezena de países europeus e também no Brasil, tendo tido, muitas vezes, honras de abertura e encerramento dos mesmos.

Para além de levar os seus espetáculos um pouco por todo o país e estrangeiro, a Companhia assume um importante papel de agente cultural na sua cidade e região, sobretudo através de criações artísticas com a comunidade e do seu Serviço Educativo. Em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Sines, em 1999.

A sua Diretora Artística recebe, em 2001, o Prémio da Região Turismo da Costa Azul, pelos serviços culturais prestados à região e ao país.

Tem, desde a sua génese, um Protocolo anual com a Câmara Municipal de Sines e, desde 1999, o apoio regular da Direção Geral das Artes/Ministério da Cultura.

ATIVIDADES PARALELAS

Sábado 24 de Setembro | 18h

Mesa de Reflexão 01

Memória, identidade e significado

A mulher e o seu corpo imagens, discursos e metáforas

Espaço Junqueira 25



Quinta 29 de Setembro | 21h45

Sessão de Cinema* parceria Cineclube

Octopus

Cine-Teatro Garrett

Noite de Estreia, de John Cassavetes (1977)

Sinopse: A actriz Myrtle Gordon é uma alcoólica a poucos dias da noite de estreia da sua última peça, sobre uma mulher perturbada com o envelhecimento. Uma noite, um carro atropela e mata um dos fãs de Myrtle que persegue a sua limusina, numa tentativa de chamar a atenção da estrela. Myrtle interioriza o acidente e inicia uma busca espiritual, mas não encontra as respostas que procura.

Com noite de estreia cada vez mais próxima, a frágil Myrtle tem de encontrar uma forma de prosseguir com o espectáculo.

M/12 Duração: 2h 24min / Drama

Direção: John Cassavetes

Roteiro John Cassavetes

Elenco: Gena Rowlands, John Cassavetes, Ben Gazzara

Título original Opening Night



Sexta 30 de Setembro | 18h

Mesa de Reflexão 02

O visível e o invisível feminino
Caminhos para a equidade

Espaço Junqueira 25

Presenças confirmadas: Dr.^a **Sandra Ribeiro** comissão para a cidadania e igualdade de género; **Julietta Aurora dos Santos** (Diretora Artística do Teatro do Mar, Encenadora, Autora)



até 1 de Outubro

EXPOSIÇÃO

Mulheres e Resistência – “Novas Cartas Portuguesas” e outras lutas

Espaço Junqueira 25

Sobre a Exposição:

Um livro por 3 mulheres, decidido em maio de 1971 e publicado um ano depois, com a primeira edição recolhida e destruída pela Censura três dias após o seu lançamento.

Nos 50 anos da escrita das Novas Cartas Portuguesas que deram origem ao processo das Três Marias revisitamos a atualidade da luta das mulheres pelos seus direitos.

A partir da obra singular de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa tentamos compreender o papel da repressão, o valor da solidariedade e a importância da vitória deste processo literário e político.

A exposição temporária Mulheres e Resistência – Novas Cartas Portuguesas e outras lutas pretende relevar o contributo de tantas mulheres que, com origens e percursos diferentes, inventaram e concretizaram batalhas pelos seus direitos, pela justiça social e pela liberdade, desde os anos 30 até ao 25 de Abril. Todos estes processos destacam o papel insubstituível das mulheres ao longo dos 48 anos de resistência ao fascismo e a sua importância na conquista da liberdade no nosso país.

Parceria: Museu do Aljube

Ficha Técnica

CURADORIA Rita Rato e Joana Alves

INVESTIGAÇÃO Rita Rato, Francisco Ruivo e Joana Alves

DESIGN GRÁFICO Eduardo Ferreira

INFOGRAFIA Isabel Cruz

VÍDEO Garden Films

EDIÇÃO DE VÍDEO Sofia Gomes

ÁUDIOS Edite Queiroz

CENOGRAFIA A Lavandaria



até 1 de Outubro

EXPOSIÇÃO

O Feminino no Caminho - 25 anos da Varazim Teatro

Espaço Junqueira, 25

Sobre a Exposição:

Pelos 25 anos de atividade da Varazim Teatro várias foram as personagens mulheres que marcaram, com as suas palavras, presença e mensagem o caminho da Varazim Teatro. Esta exposição celebra os 25 da Varazim Teatro, dando relevo a estas mulheres, personagens, e ao mundo que elas representam.

Ficha Técnica:

Seleção e Curadoria: Joana Soares

Fotografias: Bruno Carvalho, Eduardo Faria, José Carlos Marques, Rita Rocha, Rui Sousa.

Montagem e cenografia: Jo & Jo



a partir de 23 de Setembro

EXPOSIÇÃO

Escapulários - 50 Anos de Teatro, José Caldas

Museu de História e Etnografia da Póvoa de Varzim

ESCAPULÁRIOS – s.m. espécie de amuleto;

tira de pano que alguns religiosos
trazem pendente do pescoço; bentinhos.
(Dicionários da Língua Portuguesa)

Autor: José Caldas



Para Informações adicionais contacte:

Joana Soares [Direção de Comunicação | Assessoria de Imprensa] 912420129
comunica.varazim@gmail.com

Eduardo Faria [Direção Artística] 916439009
dir.artisticavt@gmail.com

INFO GERAL: www.varazimteatro.org varazim@gmail.com | 912 420 129 |

916 439 009

Bilhetes Cine-Teatro Garrett • CTT • FNAC • Worten

Online em: www.bol.pt

Inteiro: 7,00€ | Com desconto 5,00€ (para estudantes, reformados, menores de 25 anos e maiores de 65, desempregados, pessoas com deficiência, grupos de 8 pessoas) |
Associados ou Amigos da Varazim Teatro | Sócios da Acapo: 3,50€

Passé Geral Inteiro: 42€

Passé Geral c/ Desconto: 30€

Passé Geral Associados ou Amigos da Varazim e ACAPO: 21€ (Bilhete Pessoal contra apresentação de cartão Associado em todas as sessões)



Ficha Técnica É-Aqui-in-Ócio

Direção Artística: Eduardo Faria

Direção de Produção: Joana de Sousa

Direção de Comunicação: Joana Soares

Design: Humberto Marques e Rui Morim Silva

Motion Design: Motion Virg
Vídeo: JWorks
Web-Content: Hugo Carvalho
Assistente de Produção: Andreia Alves
Divulgação/Frente de Casa: Patrícia Silva

Apoios Institucionais:
República Portuguesa | Direção Geral das Artes
Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
União de Freguesias Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai

Moradas:

Espaço Junqueira, 25
Rua da Junqueira, nº25
Póvoa de Varzim

Cine-Teatro Garrett
Rua José Malgueira nr 13, 4490-647 - Póvoa de Varzim

Peep-Show-Praça do Almada, em frente à Câmara Municipal
Póvoa de Varzim

Monumento Evocação da Lota Homenagem às Mulheres do Mar
Av. dos Descobrimentos,
Póvoa de Varzim
[41°22'38. 8°45'53., R. 1 5]

DOWNLOAD PRESS KIT:

<https://bit.ly/PRESSKIT-E22>

